

**(aprendendo) Direitos Humanos
com Boletins do Fórum Intersindical**

[Boletim Informativo nº 44, abril 2019, Trabalhadores Anônimos]

CARLOS

**“Troquei carnes por frutas
para poder viver!”**

Carlos vende frutas em praça bucólica do Grajaú. Não conheceu Gramsci [1891-1937], nem o movimento operário italiano [1950-70]. Ao entrevistá-lo e sentir sua tristeza sobre a ocupação anterior, o lema dessa histórica luta de trabalhadores - "A saúde não se vende nem se delega: se defende" (Paiva e Vasconcellos, 2010) - tomou meus pensamentos. A certeza de Carlos, que hoje se recusa a vender sua saúde, foi moldada

**em ossos e carnes que
cortava, limpava, embalava...
cortava/limpava/embalava...
às toneladas e toneladas...
rítmos da esteira cegante,
ambiente gélido,
jornadas noturnas,
horas extras obrigatórias...
para bater a
META da EMPRESA:
Tonelada e meia por turno!**

Não consegue? Não gosta? É pegar ou largar. Há fila aguardando vaga. 'Palavras de ordem' das chefias martelando suas mãos, ombros, dilacerando cada fibra de seu corpo e de sua dignidade... como as carnes e ossos que nem mais conseguia enxergar... DESEMPREGO!

Há três anos, a CRISE que exclui 'improdutivos' empurrou Carlos e cerca de 34 milhões de brasileiros (IBGE, 2017) ao mercado informal. Crise que não dá trégua e continua 'batendo metas' de desemprego, adoecimento e mortes no trabalho. Casado, um filho, 42 anos, após 23 anos de trabalho no frigorífico, Carlos abriu uma banca de frutas. Era gerente de produção quando foi demitido. Perguntei-lhe, receando a resposta, se o atual era melhor do que seu trabalho anterior.

O olhar úmido e apagado expressou-se antes: *O que ganho agora é bem menos. Mas não valia a pena o estresse que eu passava como gerente de produção. Tudo que fazia para garantir a produção nunca bastava. O frio intenso, a jornada noturna, o excesso de horas extras para conseguir bater metas de produção... Aqui posso viver!* Carlos teria mais a dizer; respeitando sua dor, conduzi a conversa a rumo mais ameno. De uns tempos para cá, o comércio de rua tem modificado o perfil de mercadorias com oferta de frutas, sacolés, lanches rápidos etc. O Grajaú, zona norte do Rio de Janeiro, tem algumas praças atrativas a esse comércio. Perguntei-lhe de onde vinham as frutas que vendia, pois há feiras de orgânicos de cultivo e produção próprios. Direto, mudando de assunto, respondeu-me: *Minhas frutas vêm da CEASA (Central de Abastecimento-RJ). Um caminhão nos abastece às 8 horas e ficamos aqui de segunda a sábado até 19:30 horas.* Vida corrida, longas filas de supermercados (estas pela redução de postos de trabalho de caixas/empacotadores - a crise!), comprinhas a caminho ajudam a reduzir o estresse cotidiano dos fregueses/as.

**Carlos, trabalhador anônimo, escolhe o pedido
lendo a preferência em nosso semblante...
enquanto sorri e saboreia
a fortuna do viver em liberdade!**

■ ■ ■



Carlos, a mulher e a netinha

.....

Carlos foi entrevistado há cinco anos e não está mais no mesmo ponto com sua banquinha. Como estará Carlos? Na pandemia de Covid-19 (2020-2023), frigoríficos propagaram à Covid-19 Brasil adentro e mundo afora... A Covid-19 propagou-se nas cadeias produtivas do lucro em diversas esteiras... Hoje, em nosso cotidiano, quantos trabalhadores anônimos trocaram empregadores matadores por plataformas assassinas? **Obs. Entrevista realizada por Rosângela Gaze.**